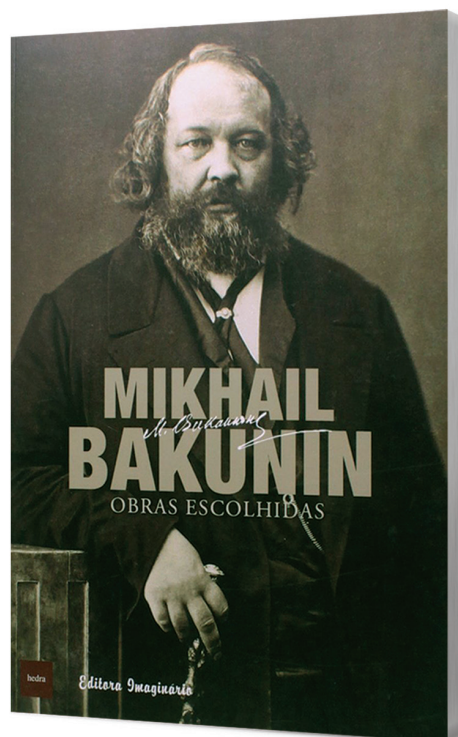


livros



BAKUNIN REDIVIVO

(REVOLUÇÃO E ANARQUIA)

Evaldo Piolli

MIKHAIL BAKUNIN: OBRAS ESCOLHIDAS, ORGANIZAÇÃO E TRADUÇÃO DE PLÍNIO AUGUSTO COELHO, SÃO PAULO, HEDRA/IMAGINÁRIO, 2015, 722 P.

Em um inquérito policial de mais de 2 mil páginas, elaborado pela Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro, em 2014, para apurar, investigar e responsabilizar 23 pessoas por “atos violentos na cidade” durante as manifestações anticopa, o nome de Bakunin, morto em 1876, aparece como um dos suspeitos de liderar esse movimento. Seu nome foi citado por manifestantes em ligações feitas por celular que foram interceptadas pela polícia durante as investigações. O jornal *Folha de S. Paulo* noticiou esse fato em sua edição do dia 28 de julho do mesmo ano.

A eclosão das manifestações nos anos de 2013 e 2014 trouxe para a cena política nacional, por conta das opções políticas de muitos dos manifestantes, entre eles os *black blocs*, o tema do anarquismo, juntamente com o nome de Bakunin e de outros de expressão desse movimento, aspecto que revela a força e atualidade de suas ideias.

Senão, vejamos. Os partidos, principalmente aqueles que se apresentam como defensores dos trabalhadores, se transformaram em verdadeiras máquinas eleitorais, envolvidos hoje em esquemas de arrecadação e de corrupção. Os sindicatos, por sua vez, seguem preservando a estrutura burocratizada reprodutora do peleguismo. O questionamento dessas instituições pelos movimentos de rua iniciados em 2013, no Brasil,

veio de um descontentamento generalizado da população com o aparato institucional da democracia implantado após a ditadura (1964-85), e que, agora, dá sinais claros de esgotamento.

Portanto, nada mais oportuno do que termos em mãos esse livro *Mikhail Bakunin: Obras Escolhidas*, publicado pelas editoras Hedra e Imaginário com textos selecionados desse pensador libertário. Uma edição primorosa e muito bem organizada, com 722 páginas, que ainda traz um apêndice com textos de estudiosos da obra de Bakunin, além de uma parte final dedicada à apresentação de dados cronológicos de sua vida.

Mikhail Aleksandrovitch Bakunin nasceu em 1814, na Rússia, filho de pais aristocratas pertencentes à “pequena nobreza” russa. Quando jovem, transferiu-se para a Alemanha para iniciar seus estudos na escola hegeliana, a qual veio a se constituir a base e o fundamento das suas ideias revolucionárias, juntamente com Blanqui, Herzen, Marx e Darwin, que contribuíram mais periféricamente. Participou de quase todas as revoltas que ocorreram na Europa durante o século XIX. Esteve na Suíça, Bélgica e França, onde conheceu Marx e Engels na residência de Proudhon, no ano de 1845. Aliás, Proudhon é quem, mais tarde,

IVALDO PIOLLI é professor da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

irá nomear Bakunin de anarquista. Por sua atuação acabou preso na Alemanha, sendo deportado depois para a Sibéria, condenado a trabalhos forçados entre os anos de 1849 e 1861, de onde fugiu. Em sua fuga passou pelo Japão, depois Estados Unidos até chegar a Londres, integrando-se à cena política local e passando a escrever e atuar. No ano de 1865 mudou-se para a Itália, onde fundou a Fraternidade Internacional e, depois, a Aliança da Democracia Socialista.

É a partir de seus embates com os republicanos, liberais e socialistas que atuavam nessas associações que Bakunin começa a pregar o antiestatismo, a auto-organização, o antiteologismo e a liberdade, reflexões que o levarão a negar totalmente qualquer forma de poder sobre o homem e o coletivismo entre os trabalhadores.

Essa transição se dá no final da década de 1860, quando começa a produzir textos efetivamente anarquistas, destacando-se “Federalismo, Socialismo e Antiteologismo”, escrito para a Liga da Paz e da Liberdade, uma agremiação burguesa fundada em 1867 por liberais e republicanos, da qual Bakunin se desligaria mais tarde para aderir à I Internacional. Aliás, esse texto é o primeiro a ser apresentado nessas obras escolhidas.

Os escritos reunidos nesse livro permitirão ao leitor ter uma compreensão das matrizes do pensamento, os princípios, os embates que tornaram Bakunin um pensador antiautoritário, com o Estado como principal alvo de suas críticas. Ele defendia o coletivismo, em total oposição ao Estado, como melhor caminho para a revolução social e a conquista da igualdade econômica. Assim, como é definido no texto “Os Princípios e a Organização” (p. 153), a comuna “absolutamente autônoma” é a base de “toda a organização política de um país”. A paz e a liberdade somente seriam conquistadas se fossem concretizadas as possibilidades de autodeterminação dos povos, do federalismo e da autonomia das províncias e comunas. Tal forma de organização estaria mais afinada com os “princípios do socialismo”.

Bakunin defendia que a existência de Estados centralizados tornaria impossível a paz e a liberdade. Para ele, o Estado é “um imenso cemitério onde vêm sacrificar-se, morrer, enterrar-se todas as manifestações da vida individual e local, todos os interesses das partes cujo conjunto constitui precisamente a sociedade. É o altar onde a liberdade real e o bem-estar dos povos são imolados à grandeza política; quanto mais completa é

essa imolação, mais perfeito é o Estado” (p. 122). Nesse sentido, o Estado, desde sempre, é o patrimônio de uma classe qualquer, assim como também a negação “mais flagrante, mais cínica e completa da humanidade” e da liberdade. Suas críticas são direcionadas também para o Estado moderno e seu aparato burocrático, pois, “mesmo os mais democráticos, como os EUA”, foram construídos para legalizar a exploração. A burguesia detém o monopólio da violência organizada pelo Estado e do controle das suas instituições e esferas político-jurídicas.

No programa da Sociedade de Revolução Internacional de 1868, o Estado é definido como uma “organização histórica dos princípios da autoridade e da tutela, divinas e humanas, exercidas sobre as massas populares” (p. 188). Em resumo, a justificativa para a negação do Estado é a mesma da do ateísmo, pois para ele o homem é bom, inteligente e livre. O Estado, como qualquer teologia, parte do pressuposto de que o homem é essencialmente perverso e mau.

Para Bakunin o Estado moderno e sua forma de organização não são outra coisa senão dominação e exploração veladas e sistematizadas, fundadas no “livre contato” (p. 101). O Estado republicano, instituído sobre as bases do sufrágio universal, segundo ele, pode ser ainda “mais despótico do que o Estado monárquico, quando a pretexto de representar a vontade de todo mundo, oprimir a vontade e o livre movimento de cada um de seus membros com todo o peso de seu poder coletivo” (p. 86).

Nessas *Obras Escolhidas* estão os elementos da crítica de Bakunin ao Estado democrático e seus sistemas de representação política. Sua crítica às eleições populares, aos partidos, ao sistema representativo e aos políticos oportunistas de sua época, em razão de sua profundidade, se apresenta ainda muito atual e, com certeza, não será estranha ao leitor que acompanha a cena política brasileira.

Em seu “Catecismo Revolucionário”, como em outros textos incluídos no volume, Bakunin expõe sua radical oposição a todo tipo de instituição burguesa de sua época para edificação de uma sociedade fundada na liberdade e na razão. Nesse sentido, portanto, o antiteologismo se constitui em outro elemento central de sua obra.

Bakunin também foi um crítico feroz da educação burguesa em seus princípios e modo de organização, sendo primorosas suas reflexões sobre a educação em textos como “Federalismo, Socialismo e Antiteolo-

gismo”, “A Ciência e a Questão Vital da Revolução”, “Programa da Sociedade da Revolução Internacional”, “A Ciência e o Povo” e “Os Enganadores”. Mas é em “Educação Integral” que podemos encontrar o melhor de seu pensamento sobre o tema, o qual se vincula ao seu projeto de sociedade fundado na igualdade econômica e na liberdade. Para ele, o domínio da ciência e da razão, atrelado a uma educação antiautoritária constitui-se como elemento fundamental para a emancipação humana. De outra parte, toda proposta pedagógica advinda do Estado e pactuada com os interesses da burguesia tem por pretensão a reprodução das relações de dominação, o doutrinamento, o conformismo e a formação de indivíduos docilizados e adaptados ao mundo produtivo.

O estudo cuidadoso desses textos será de grande valia para o debate atual sobre o tema da educação integral. Poderá ser desfeita, por exemplo, parte da confusão provocada pelos programas governamentais¹ de escolas de tempo integral ou de ensino integrado, confundidos, muitas vezes, com educação integral. No entanto, o simples fato de uma escola desenvolver um programa de complementação curricular ou mesmo um ensino profissionalizante, no contraturno do ensino das matérias do currículo comum, está bem distante da proposta de educação integral defendida por Bakunin.

Também no que se refere à ciência, a crítica de Bakunin é contundente sobre a sua aplicação no contexto da sociedade burguesa, fundamentalmente quanto à apropriação que a burguesia fez desse tipo de conhecimento através do Estado e das universidades. Ele alega que os usos do conhecimento científico configuram-se como elemento primordial da dominação de classe e do poder do Estado. São críticas que se reportam ao ensino universitário para as classes privilegiadas e ao relacionamento entre a produção da ciência e de tecnologias com a exploração do trabalho, o enriquecimento da burguesia e o fortalecimento do aparelho estatal. Como ele mesmo diz:

“Em resumo, na organização atual da sociedade, os progressos da ciência foram a causa da ignorância relativa

do proletariado, bem como os progressos da indústria e do comércio foram a causa de sua miséria relativa. Os progressos intelectuais e progressos materiais contribuíram igualmente, portanto, para aumentar sua escravidão. O que resulta disso? Que devemos rejeitar e combater essa ciência burguesa, assim como devemos combater e rejeitar a riqueza burguesa” (p. 272).

Para Bakunin, tanto a ciência quanto a riqueza são bem comum e patrimônio de todos e, como tal, não devem ser apropriadas apenas por uma classe.

Nesse quadro, pois, a universidade estará a serviço dessa dominação. Através da sua burocracia irá alienar os professores/intelectuais, disciplinará seus alunos, obtendo como produto uma ciência alienada. O leitor encontrará muitos elementos para aproximar as críticas de Bakunin à conformação da universidade brasileira hoje, bem como para que se percebam as relações feitas por ele, em certa medida, no aprofundamento da burocracia universitária, nos controles centralizados, no *ranqueamento* das instituições, nas avaliações heterônomas, nos prêmios de produtividade, na privatização da pesquisa, no currículo Lattes e no *produtivismo* acadêmico e sua indução à produção de *papers* em periódicos cada vez mais padronizados.

Outro texto fundamental presente na coletânea é “Escrito Contra Marx”, redigido em 1872, após a expulsão de Bakunin da I Internacional, juntamente com James Guillaume. No texto é apresentado o ponto de vista de Bakunin sobre o direcionamento dado por Marx e seus seguidores à I Internacional. Bakunin será um crítico feroz ao programa político defendido por Marx. Contudo, é bom esclarecermos, que não foi em função da radicalização dessas divergências, como pregam muitos, que a I Internacional se dissolveu, mas, acima de tudo, pela forte repressão às diversas seções em vários países após a Comuna de Paris, ocorrida em 1871.

A I Internacional foi fundada em setembro de 1864 em Londres, desenvolvendo uma forte atração entre os trabalhadores europeus, não devendo, portanto, sua popularidade apenas ao fato de ter proclamado a Comuna de Paris em 1871, e sim de ter criado seções em diversos países da Europa e nos Estados Unidos. Ela surge num contexto de fortalecimento dos Estados nacionais como necessidade imperativa dos trabalhadores para responder ao processo de acumulação do capital. A I Internacional foi constituída a partir da percepção dos trabalhadores de que a organização em

1 O Programa Mais Educação, instituído pela Portaria Interministerial n. 17/2007 e regulamentado pelo Decreto 7.083/10, constitui-se como estratégia do Ministério da Educação para induzir a ampliação da jornada escolar e a organização curricular na perspectiva da educação integral. Outro exemplo é o Programa Escolas de Tempo Integral (ETI), desenvolvido pelo governo do estado de São Paulo.

âmbito nacional seria apenas uma etapa da luta, sendo necessária uma articulação internacional.

Bakunin ingressou na I Internacional no ano de 1866, admitido por Marx, durante a seção de Genebra, e atuou intensamente até sua expulsão, feita pelo próprio Marx e seus seguidores durante o Congresso de Haia, em 1872. As divergências foram se acentuando em torno das seções “antiautoritárias”, que pregavam a ação e a organização dos trabalhadores na direção da abolição do Estado e do capital, e das seções de orientação social-democrata, que, sob a direção de Marx e seus seguidores, defendiam um programa político ou, ainda, a tomada do poder por um partido operário. Nesse sentido, também, Bakunin manifesta seu posicionamento crítico ao burocratismo de Marx à frente do conselho central da I Internacional.

Nos escritos contra Marx, Bakunin expressará sua fidelidade aos princípios e ao programa geral da I Internacional defendendo sua unidade ao afirmar que ela “só pôde adquirir uma extensão imensa porque eliminou de seu programa obrigatório todas as questões políticas e filosóficas” (p. 400) e que a “emancipação dos trabalhadores só pode ser obra dos próprios trabalhadores” (p. 402). É sobre essa base que construirá toda sua crítica ao “socialismo científico” e ao programa político de Marx e seus seguidores.

“Não creio ser necessário demonstrar que, para que a Internacional seja e permaneça uma potência, ela deve ser capaz de atrair para o seu seio, abarcar e organizar a imensa maioria do proletariado de todos os países da Europa e da América. Mas qual o programa político ou filosófico que poderia se gabar de reunir sob sua bandeira milhões de adeptos? Só um programa geral, isto é, indeterminado e vago, pode consegui-lo, pois toda determinação em teoria corresponde fatalmente a uma exclusão, uma eliminação na prática” (p. 400).

Para Bakunin, a resolução do Congresso de Haia, sob domínio de Marx e seus seguidores, ao propor um “programa político uniforme” a todas as federações internacionais, incitou uma “grande discórdia” no âmbito da I Internacional, contribuindo para seu enfraquecimento e dissolução.

“É preciso ser verdadeiramente insensato para imaginar que os trabalhadores da Inglaterra, da Holanda, da Bélgica, da França, do Jura, da Itália, da Espanha,

da América, sem falar dos trabalhadores eslavos, desejarão se submeter à disciplina marxista” (p. 403).

A criação de um partido operário para disputar o poder a partir de uma eleição popular constitui-se como uma ilusão, pois poderá corromper-se e afastar-se das lutas e dos interesses dos trabalhadores, ou, mesmo, edificar-se como um instrumento operador da legitimação da exploração, por meio da conquista de direitos e da domesticação através da proteção estatal.

Nos “Escritos Contra Marx”, mais do que contra Marx, Bakunin polemiza contra a social-democracia alemã, influenciada pelo *lassallismo*, contra o culto ao Estado e a via eleitoral.

“É evidente que todo esse movimento político pregado pelos socialistas da Alemanha, visto que deve preceder à revolução econômica, só poderá ser dirigido por burgueses, ou, o que será ainda pior, por operários transformados por sua ambição, ou por vaidade, em burgueses, e passando, na realidade, e como todos os seus predecessores, por cima da cabeça do proletariado, esse movimento não poderá deixar de condenar de novo, este último, a ser apenas instrumento cego e infalivelmente sacrificado na luta entre os diferentes partidos burgueses pela conquista do poder político, da força e do direito de dominar as massas e explorá-las” (p. 397).

Munido desses argumentos, Bakunin aponta que o programa político de Marx tem como objetivo o estabelecimento de um Estado pangermânico, “pretensamente popular”. A clareza de suas posições sobre o problema do Estado e da dominação o faz criticar, também, a ideia de um Estado operário, pois uma sociedade sob domínio de um partido operário e de um Estado popular constituídos por uma “inteligência científica” não estará isenta de mecanismos burocráticos legitimadores de uma nova dominação de classe.

“Haverá uma nova classe, uma nova hierarquia de doutos reais e fictícios, e o mundo se dividirá em uma minoria dominando em nome da ciência e uma imensa maioria ignorante. E, então, cuidado com essa massa de ignorantes” (p. 433).

É preciso, no entanto, fazer justiça a Marx, uma vez que o socialismo científico será mais propagado pelos leninistas do que por ele próprio. Para Marx o

socialismo é um movimento espontâneo das massas e cabe ao marxismo o papel de registrar e dar consciência. Bakunin vai na mesma direção ao compreender que não se trata de inculcar um socialismo científico, “mas de exprimir o movimento real das massas”. No entanto, os marxistas se dividirão em torno dessa questão. Kautsky (1834-1934) e Lenin (1870-1924), ao criticarem a espontaneidade das massas, confluirão com suas ideias para as armadilhas do socialismo científico denunciadas por Bakunin. O centralismo democrático de Lenin, tomado de empréstimo de Kautsky, virá estabelecer a supremacia do partido e seus revolucionários profissionais dotados de conhecimento científico em detrimento de outras formas possíveis de organização dos trabalhadores. Esse caminho, para muitos, teria desenvolvido as condições que favoreceram, posteriormente, o surgimento do stalinismo. Por sua vez, Rosa de Luxemburgo e Aton Pannekoek cuidarão de preservar o aspecto libertário das ideias de Marx, defendendo os conselhos e a autogestão. No entanto, compartilho da ideia de que, se podemos encontrar na obra de Marx esse viés libertário, isso é devido à convivência e aos embates com Bakunin.

Os escritos reunidos nesse livro constituem, portanto, um documento histórico de grande relevância para todos que pretendem compreender a história das lutas sociais e da organização dos trabalhadores no final do século XIX. Contudo, vale reafirmar, que o leitor perceberá a atualidade desses escritos e a força das ideias e críticas neles contidas. Olhando para a cena política brasileira recente, com pouco esforço, encontraremos muitos pontos da crítica elaborada

por Bakunin. O que ele diria sobre os atuais partidos brasileiros que adotam em suas siglas palavras como “social”, “socialista”, “trabalhista”, “trabalhadores” ou mesmo “comunista”, mas que na prática são, no máximo, democratas defensores da ordem burguesa? O que diria o nosso pensador libertário sobre o financiamento desses partidos por grandes corporações? E sobre o sindicalismo burocrático e suas centrais dependentes do imposto sindical e das contribuições compulsórias? E sobre as festas de 1º de Maio promovidas pelas centrais sindicais, com sorteios de automóveis e *shows* de cantores sertanejos, repletas de políticos oportunistas? Aliás, algumas dessas centrais, inclusive, fizeram a defesa aberta da nova lei da terceirização (PL 4.330/04), a qual, se aprovada, afetará a vida de milhares de trabalhadores, retrocedendo, em muitos aspectos, às condições de contratação típicas do século XIX.

Enfim, ao ler muitos dos escritos incluídos nesse livro, o leitor chegaria à mesma conclusão a que cheguei: de que, com certeza, se Bakunin estivesse vivo e morando aqui no Brasil, teria se envolvido, com certeza, nas manifestações de rua e proferido muitas críticas ao Estado e seus mecanismos de repressão, à corrupção, aos partidos (de esquerda e de direita) e aos sindicatos pelegos. Não se furtaria em tecer críticas severas aos intelectuais, à ciência, à educação, bem como também à classe média conservadora que hoje clama pela volta dos militares ao poder no Brasil. Portanto, tal como consta no inquérito policial do Rio de Janeiro, Bakunin é, sim, uma voz presente no nosso tempo, imortalizada por sua contundente crítica à sociedade burguesa e suas instituições.